

AS LIMITAÇÕES DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE PERNAMBUCO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CONSEQUÊNCIAS EM ESCOLAS PERTENCENTES À REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Natália Andrade Rodrigues¹
João Marcelo Barbosa Guerra²
Ana Paula Torres de Queiroz³

RESUMO

O presente artigo visa analisar e compreender a limitação do professor de Geografia em escolas pertencentes à Rede Pública Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco da Região Metropolitana do Recife. Tal estudo tem como objetivo abordar quais são essas limitações, suas consequências no aprendizado do aluno, que postura o Governo do Estado de Pernambuco está tendo, os métodos que os docentes vêm utilizando na sala de aula e o tradicionalismo, recorrente dessas limitações, gerado na educação básica da rede de ensino aqui apresentada. Os procedimentos metodológicos seguidos foram: 1. Revisão da literatura correspondente ao Ensino de Geografia e à abordagem tradicionalista de ensino (CASTROGIOVANNI e MIZUKAMI); 2. Interdisciplinaridade e Geografia (ANDRADE); 3. Os Parâmetros para Educação Básica do Estado de Pernambuco; 4. Estudo feito pela Fundação Victor Civita, em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Banco Itaú e Fundação Telefônica Vivo sobre o repúdio dos alunos das cidades de Recife e São Paulo com as Ciências Humanas e 5. Entrevista semi-estruturada aplicada aos professores. Diante do exposto foi notado que as restrições vão da disponibilidade de aulas durante a semana nas turmas do ensino básico, até a falta de materiais lúdicos para o processo de ensino e aprendizagem geográfico. Foram deixadas sugestões de como o lúdico pode se tornar presente na aula de Geografia e como os professores podem adotar metodologias ativas que despertem o interesse de tais estudantes para a Ciência Geográfica.

Palavras-chave: Educação Básica; Limitação; Pernambuco; Professor de Geografia.

INTRODUÇÃO

O presente documento tem como função realizar uma análise referente à limitação do professor de Geografia em sala de aula, suas consequências e qual a postura que o Governo do Estado de Pernambuco vem tomando em relação à problemática, fazendo comparação com os dados coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada, procurando obter informações sobre a importância do aprendizado de Geografia para o cotidiano do aluno, como deve ser a aula, quais as estratégias metodológicas utilizadas para ensinar, as dificuldades presentes ao lecionar, se era notório o interesse dos alunos nas aulas, se os professores usavam tecnologia,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, nataliandrader@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, joaomarcelob.guerra@gmail.com;

³ Professor orientador: Mestre, Instituto Federal de Pernambuco - IFPE, anaqueiroz@recife.ifpe.edu.br.

a escolha do livro didático, se ele é utilizado e de qual maneira, se os entrevistados utilizam outros materiais didáticos e quais os instrumentos avaliativos eram adotados. Através das respostas obtidas surgiu a ideia do estudo aqui apresentado. Adotamos como escala de análise professores atuantes em escolas da Rede Pública Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco, estudando algumas unidades escolares da Região Metropolitana do Recife, pertencentes aos municípios: Recife, Abreu e Lima e Jaboatão dos Guararapes.

As limitações que este texto retrata dizem respeito à falta de materiais didáticos, carga horária pequena, ausência de recursos tecnológicos e de financiamento para aulas de campo. Entendemos que com o seguinte panorama o ensino de Geografia da região estudada encontra-se prejudicado, porque esses auxílios são fundamentais para elaboração e compreensão das aulas da área mencionada, uma vez que a Ciência Geográfica contribui ricamente para a compreensão do indivíduo no mundo através da criticidade e da observação da sociedade da qual pertence. Além da escala crítica e social, podemos abordar também a interdisciplinar, passível de ligação com outras ciências, seja ela exata ou humana. À exemplo, podemos citar a relação existente entre a Geografia, Física e a Química, quando estudamos as camadas da atmosfera e as relações entre pressão, temperatura e altitude se fazem presentes e podem ser compreendidas utilizando conhecimento de ambas as áreas. Diante de tal relação Manuel Correia de Andrade, em sua obra Geografia: Ciência da Sociedade compreende:

[...] Como a Geografia é uma ciência que tem relacionamento com uma série de ciências afins, é natural que entre ela e as outras ciências se desenvolvam áreas de conhecimento intermediário, ora como ramos do conhecimento geográfico, ora como ramos do conhecimento de outras ciências que se tornaram ou tendem a tornar-se novas ciências a serem pragmaticamente catalogadas. (ANDRADE 1987, p. 17)

É dessa complexidade que precisa-se beber quando se ensina Geografia. A interdisciplinaridade precisa estar presente, compactuando para o processo de ensino-aprendizagem, fugindo do educar e do aprender engessado, presente no chão da sala de aula desde o século XIX.

Anteriormente ao pesquisado, tinha-se uma noção do que acontecia nas escolas estaduais da Região Metropolitana do Recife, como a falta de recursos para aulas de campo, mas na análise dos dados, foi percebido que a questão está mais alarmante do que pensávamos e por isso estudamos o seguinte caso.

METODOLOGIA

Para a realização do estudo, utilizamos a abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Designa-se como pesquisa qualitativa aquela que contém segundo Alves-Mazzoni e Gewandsznajder, 2000 apud Pessôa, 2012, o seguinte:

Nas pesquisas qualitativas, o pesquisador procura, na sua elaboração, seguir, de acordo com Alves-Mazzoni e Gewandsznajder (2000, p. 131), a tradição compreensiva ou interpretativa: “as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores [...] Seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.” (ALVES-MAZZONI E GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 131 apud PESSÔA, 2012, p. 7).

O instrumento utilizado para captar os dados foi uma entrevista semi-estruturada, aplicada com dez professores da Rede Pública Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco – todos da Região Metropolitana do Recife - dos quais três atuam no Ensino Médio e Ensino Fundamental II, quatro atuam apenas no Ensino Médio e três lecionam só no Ensino Fundamental II.

Os caminhos metodológicos usados para composição do material foram revisões referentes à literatura de Ensino e Ensino de Geografia, tomando como referência Geografia: Ciência da Sociedade, de Manuel Correia de Andrade, 1992; Ensino as Abordagens do Processo, Maria das Graças Nicoletti Mizukami, 1986; a obra Ensino de Geografia: Caminhos e Encantos de Antônio Carlos Castrogiovanni, 2007; os Parâmetros para Educação Básica do Estado de Pernambuco, 2013 e um estudo feito pela Fundação Victor Civita, em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Banco Itaú e Fundação Telefônica Vivo sobre o repúdio dos alunos das cidades de Recife e São Paulo com as ciências humanas, postado no site do Correio Braziliense em 2013.

De acordo com Gil (2008), a entrevista se torna um método de pesquisa eficaz por possibilitar a obtenção de dados dos mais diferentes aspectos da vida social, dados esses que se tornam muito mais profundos acerca do pensamento humano, além de permitirem a classificação e quantificação. Por fim, a entrevista foi semi-estruturada para possibilitar uma maior flexibilidade diante da realidade e das respostas que fossem encontradas nas escolas e os resultados esperados serem atingidos de maneira mais satisfatória possível e sendo confortável tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador.

Os entrevistados foram identificados através da seguinte forma: P1 – Professor 1, P2 Professor 2, e assim por diante.

Para a interpretação dos dados utilizamos a análise do conteúdo, por meio da proposta de procedimento da análise temática, levando em consideração o que propõe Bardin (1977): 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados.

DESENVOLVIMENTO

A Geografia é uma ciência imprescindível para o meio social, já que através dela podemos obter diversos conhecimentos de vida. À exemplo podemos citar o estudo dos solos onde, ao observarmos uma zona de risco em um determinado bairro, compreendendo como ocorrem os deslizamentos de terra, entendendo a importância da vegetação local enquanto camada protetora e identificando também quais os cuidados que os moradores e a prefeitura da região devem ter para evitar os deslizamentos, pode-se entender a importância da Geografia no cotidiano do aluno, uma vez que se este não mora nesses locais, com certeza ele verá reportagens na mídia a respeito e poderá fazer relações entendendo o fenômeno.

É possível notar na exemplificação acima, relações com os seguintes conteúdos: 1. Precipitação, uma vez que intensas chuvas podem encharcar o solo e gerar o deslizamento de terra; 2. Urbanização, com o processo de habitação em áreas de encostas; 3. Cartografia, ao estudarmos mapas que contenham os principais pontos de risco de uma cidade, levando em consideração diferentes escalas e 4. Estudos Sociais, que podem estar relacionados com o conceito de Lugar e a afetividade ou repugnância (no conceito de lugar representado pelos termos Topofilia e Topofobia, respectivamente), das pessoas com as residências localizadas nessas regiões. São assuntos como esses que podem gerar debate em sala de aula, aguçando a criticidade do aluno, realizando interdisciplinaridade e abrangendo a riqueza de concepções que preenchem a Geografia, abordando tanto seu aspecto físico como humano.

Mas para realizar tal tipo de aula, são necessários recursos didáticos específicos, ferramentas fundamentais que servem como ponte do processo ensino-aprendizagem, uma vez que com eles os estudantes podem aprender os conteúdos de forma contextualizada, simples e eficaz. Marinice Natal Justino, aborda em sua obra Pesquisa e recursos Didáticos na Formação e Prática Docente, à respeito dizendo o seguinte:

No universo da educação, a utilização de recursos didáticos e da tecnologia inovadora, somados a prática pedagógica adequada, busca despertar o interesse para o aprendizado, pois oferecem um conjunto de recursos importantes e ferramentas de comunicação e informações, tornando-se, assim, um componente essencial de pesquisa e um potente instrumento de ensino-aprendizagem (JUSTINO 2011, p. 73).

É difícil realizar uma aula lúdica diante de tantas limitações, como a falta de materiais didáticos, dentre os quais podemos citar os jogos, materiais tecnológicos como data-show pra reprodução de vídeos, entre outros. A falta de recursos como estes acabam abrindo espaço para a abordagem tradicionalista de ensino que de acordo com Mizukami, 1986:

O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita, passivamente, a escutá-lo. O ponto fundamental desse processo será o produto da aprendizagem. A reprodução dos conteúdos feita pelo aluno, de forma automática e sem variações, na maioria das vezes, é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado. A didática tradicional quase que se poderia ser resumida, pois, em “dar a lição” e em “tomar a lição”. São reprimidos frequentemente os elementos da vida emocional ou afetiva por se julgarem impeditivos de uma boa e útil direção do trabalho de ensino. (MIZUKAMI 1986, p. 17).

Diante do exposto por Mizukami, pode-se deduzir que a didática tradicionalista foge completamente dos padrões de como a Geografia deve ser ensinada e aprendida, uma vez que essa não considera os conhecimentos prévios dos alunos e nem leva em consideração o cotidiano dos mesmos, fornecendo um conhecimento engessado, acrítico e limitado.

De acordo com o Parâmetro Curricular do Ensino de Geografia Níveis Fundamental e Médio, fornecido no site da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, a respeito conceitos geográficos:

O avanço na discussão teórica da Geografia torna possível indicar que todo o processo da Geografia Escolar, no Ensino Fundamental e Médio, deve se assentar nos conceitos de lugar, paisagem, território e região. Esses conceitos deverão aparecer articulados em todos os anos, de maneira crítica e criativa. Não devem ser transmitidos aos estudantes e reproduzidos por eles. Pelo contrário, devem ser construídos e re-elaborados ao longo da trajetória escolar do estudante, sujeito do conhecimento. O professor deve propor o desenvolvimento de atividades variadas que permitam ao estudante criar, reformular e ampliar o domínio conceitual. Assim, a condução ativa e intelectualmente pensada por parte do professor é fundamental para que o trabalho pedagógico produza resultados expressivos. (Parâmetros do Ensino de Geografia Modalidade Ensino Fundamental e Médio, 2013).

A figura do Licenciado em Geografia deve sim seguir os padrões citados pelo parâmetro acima, porém o Governo do Estado de Pernambuco deve fornecer mecanismos para que isso aconteça de forma eficaz e, através da pesquisa, isso ficou nítido que não vem acontecendo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os problemas que moldam a educação pública na Região Metropolitana do Recife são os mais diversos possíveis, desde o reconhecimento do profissional da educação - seja na

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

questão salarial ou até mesmo na ética do ser professor e suas ideologias -, até suas tecnologias para efetuar tal trabalho. Muitas vezes os professores são expostos a equipamentos totalmente limitantes da prática educativa, como: restrição ao livro didático, ao quadro branco (ou negro), sem uso de quaisquer tecnologias e sem a aproximação do aluno com o cotidiano, embora a Ciência Geográfica precise desse contato.

Foi diante de tais dificuldades que se percebeu a necessidade de trabalhar em cima desse conteúdo, e ressaltar a importância de tornar público esses fatores que moldam os padrões educativos das escolas públicas estaduais da região estudada. Algumas respostas obtidas através da entrevista chamaram bastante atenção, dentre elas:

Quadro 1 ao 5: Resposta dos professores entrevistados para coleta de dados

1 - Qual a importância do aprendizado de Geografia para o cotidiano do aluno?

RESPOSTAS DOS PROFESSORES	
P1	A importância do aprendizado de Geografia para o cotidiano do aluno é de ampliar a sua capacidade de entender o espaço geográfico em evolução a partir de uma escala grande, o lugar. Ao relacionar seu cotidiano com eventos que ocorrem em escalas menores, ele poderá apreender conceitos empíricos que servirão como base para o desenvolvimento do aprendizado da Geografia e das Ciências Humanas em geral.
P2	A geografia é de fundamental importância, com ela você tem uma visão melhor do mundo, você aprende que é construtor do meio em que você vive.
P3	Criação de pensamento crítico, identificação de problemas e soluções para os atuais paradigmas sociais. Ler a interação entre o homem e o espaço geográfico. Desenvolver no cotidiano os conceitos-chave da ciência geográfica. Entender as dinâmicas naturais sob a sociedade seja no viés possibilista ou determinista. Solucionar atuais problemáticas ambientais e geopolíticas.
P4	Está ligado a questões da atualidade, pois ninguém consegue viver sem Geografia. Principalmente atualmente por conta das questões dos intercâmbios, que os alunos do estado realizam, por isso eles precisam ter um conhecimento de mundo real. Infelizmente muitos alunos não valorizam a disciplina, muitos não conseguem ver a geografia como uma disciplina prática, que estamos praticando Geografia em tudo que a gente faz, até se deslocar de casa para a escola você está fazendo Geografia, mas os alunos muitas vezes não percebem essa importância da disciplina no contexto da sua vida diária.
P5	É o estudante poder realizar uma leitura crítica do lugar onde vive.

Fonte: Professores de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco em 2019.1

2 - Em sua concepção, como deve ser a aula de Geografia?

	RESPOSTAS DOS PROFESSORES
P1	Uma aula prática, que ligasse todo o conteúdo que você dá em Geografia, a parte teórica, e você fizesse viagens/excursões didáticas para que você pudesse mostrar aos alunos o lado prático da disciplina. Só que como a maioria das escolas não tem verba, a gente não consegue principalmente se deslocar e mostrar a realidade da vida urbana, por exemplo. Muitos alunos consideram a disciplina chata, mas não é, o fato é que eles não conseguem ligar a teoria com a prática, aí fica bem complicado vê como é a Geografia na realidade.
P2	Mais dinâmica possível, de preferência trazer o aluno para o meio que a gente está estudando.
P3	Deve ser o mais dinâmico possível, mas devido a carga horária do professor nem sempre é possível realizar.
P4	A aula deve possibilitar que o estudante traga para o chão da sala de aula a sua bagagem, o seu conhecimento, os seus saberes, e ali ocorra entre os sujeitos, estudante e professor, uma troca de conhecimentos. O professor deve ter uma formação em Geografia, utilizar de vários recursos, planejar suas aulas didaticamente inovando tecnicamente, com propostas lúdicas, com a tecnologia, com atividades voltadas para as mídias, pois ele tem que usar dos recursos mais variados possíveis. Mas depender do fornecimento do Governo para realizar tais práticas é horrível, porque recurso não tem direito. Muitas vezes usamos nosso próprio salário para comprar materiais.
P5	Menos conceitual e mais contextualizada, com carga horária maior. Com aulas práticas. Que haja mais importância na sociedade assim como a matemática e o português. Que se designem mais investimentos em aulas de campo e se trabalhe mais autores.

Fonte: Professores de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco em 2019.1

3 - Você percebe o interesse dos alunos nas aulas de Geografia?

	RESPOSTAS DOS PROFESSORES
P1	De alguns alunos, eu mentiria se dissesse que todos estão interessados, tem sempre aqueles que demonstram interesse, que são contados, muito poucos, mas no geral você tentar prender esses alunos, chamar a atenção para importância daquele momento que você está explicando e a maioria fica disperso, fica complicado dizer que eles tem interesse.
P2	Não. É difícil. Se o governo disponibilizasse mecanismos melhores para isso, como recursos para campo, seria melhor para chamar atenção para os meninos.
P3	Sim. Pelo maior dinamismo que trago e pela exaustão de tanto português e matemática. Encantam-se quando consigo trazer materiais contextualizados.
P4	Existe na verdade uma grande falta de interesse dos estudantes pela Geografia.

P5	Sim. Apesar da concentração não durar muito tempo, em geral, os temas geográficos são bastante pertinentes à realidade dos alunos.
-----------	--

Fonte: Professores de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco em 2019.1

4 – Você é adepto ao uso de tecnologia na sala de aula? Sim, não? Porquê?

RESPOSTAS DOS PROFESSORES	
P1	Com certeza, mas o que a gente percebe é que em grande parte das escolas públicas do Brasil essas tecnologias não são acessíveis, na mídia se divulga muito sobre a questão do uso de tecnologias na sala de aula, algumas escolas são preparadas para o uso da tecnologia, mas na grande parte das escolas públicas você ter um Datashow para passar um vídeo ou um filme é difícil, muitas vezes a escola só tem um ou dois Datashow funcionando. Na nossa escola já existiu uma sala que era só para uso de pesquisa dos alunos nos computadores para os alunos, só que esses computadores com o tempo foram quebrando e não houve mais um conserto por parte do governo que não mandou uma pessoa para avaliar como estava o material tecnológico da escola e hoje em dia essa sala está sucateada, não estamos mais utilizando pois não tem mais condições já que os computadores estão ultrapassados, com programas antigos que não são mais sendo utilizados na atualidade.
P2	Sim, por que é uma maneira da gente mostrar determinados espaços, já que não podemos sair daqui, trabalhando com a tecnologia acontece uma aproximação do aluno com aquela realidade. Mas os recursos para isso é muito pequeno.
P3	Sim e não. Sim porque faz parte da evolução como ocorre em todas as profissões. Não porque o Governo passa materiais limitados e sem continuidade.
P4	Sim. Desde que funcionem bem. Não utilizo em maior escala devido as dificuldades da rede pública na continuidade da disposição dos equipamentos e da sua manutenção.
P5	Sim. Porém o Governo do Estado não vem realizando de forma eficaz a disponibilização desses equipamentos.

Fonte: Professores de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco em 2019.1

5 - Que instrumento(s) avaliativo(s) você utiliza? O que justifica a escolha desse(s) instrumento(s)?

RESPOSTAS DOS PROFESSORES	
P1	Provas, seminários, pesquisa e exercício. O motivo é que muitos já vem pré-determinados da coordenação e a carga horária de Geografia é muito curta, não sobrando tempo para fazer muita coisa.
P2	Exercícios em dupla ou individual com consulta. Prova de múltipla escolha. Utilizo prova de

	múltipla escolha por não ser capaz de corrigir provas discursivas tento 14 turmas e dar 30 aulas semanais.
P3	A avaliação é diária, eu na realidade avalio desde o comportamento do aluno até a forma que ele escreve. Muitas vezes o aluno não se destaca em determinados conteúdos, mas eu vejo o comportamento dele, se ele presta atenção, se participa ativamente, que as vezes você faz debate e faz alguma pergunta referente a um conteúdo e o aluno participa e respondendo, aquela participação dele já vale como uma avaliação. As provas avaliativas com e sem consulta semestrais a cada bimestre também são utilizadas, as atividades, resenhas, interpretação de textos, pesquisas e trabalhos didáticos também contam como nota. Assim a avaliação é bem diversificada, vai depender do que eu trabalhei naquele bimestre.
P4	Além das provas bimestrais gosto de debates, de seminário. É uma forma de integrar mais o aluno, a partir do momento que ele tem o espaço de opinar ele expressa seu ponto de vista sobre determinado conteúdo.
P5	Eu realizo atividades valendo pontuação (exercícios, seminários, aula de campo etc) e prova escrita. Procuro realizar uma avaliação processual.

Fonte: Professores de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco em 2019.1

A falta de recursos e suas consequências são nítidos nas respostas obtidas através da entrevista feita com os educadores. O conteúdo acrítico, limitado e sem exploração das demasiadas concepções de mundo; a avaliação de caráter restrito; a falta de interesse dos alunos – na maioria dos casos – e a falta de recursos que gera toda essa estrutura na educação promovida pelo Governo do Estado estão presentes na escala estudada. Diante desse cenário, o que nos resta é perguntar: como promover aulas lúdicas, baseadas na criticidade, na aproximação do alunado com o cotidiano, quebrando o tabu do tradicionalismo engessando dentro do ambiente escolar? O que consta nos Parâmetros para Educação Básica do Estado de Pernambuco em relação a essas perspectivas de ensino? Será que o pregado dentro desse documento é realmente cumprido?

De acordo com as respostas dos professores essas questões são muito difíceis de ser cumpridas pela falta de recurso e isso gera um grande impacto na sociedade, uma vez que a Geografia é uma das principais ciências que propõe a compreensão de mundo e a vida em sociedade. É compreendido também que os Parâmetros da Educação Básica de Pernambuco, remetente a disciplina de Geografia – Parâmetros Curriculares de Geografia – não vem tornando real sua teoria, embora que no tópico Expectativas de Aprendizagem do mesmo documento, contenha:

[...] procuramos construir outro caminho, diferente do seqüenciamento tradicional no ensino de Geografia, iniciado com a abordagem do espaço próximo até chegar a espaços mais distantes. A consideração do conhecimento geográfico sugere que os estudantes possam olhar a realidade, de forma a entender a espacialidade complexa de que somos todos chamados a participar, nesse tempo de globalização e de territórios conectados por redes informacionais. Para o conhecimento e a interpretação da realidade, é fundamental que o estudante relacione o espaço vivido com outras experiências, em outros espaços. (Parâmetros Curriculares de Geografia, 2013, p. 37).

Esse perfil deficitário de recursos acaba gerando algo que está crescendo bastante nas escolas públicas, a questão do conhecimento técnico próprio e suficiente para que o aluno se preocupe apenas em estudar para garantir um emprego futuramente, fazendo com que, mais uma vez, o aluno não tenha a Geografia como uma disciplina cotidiana. Um estudo feito pela Fundação Victor Civita, em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Banco Itaú e Fundação Telefônica Vivo, aponta dados referentes, especificamente das cidades de Recife e São Paulo, sobre o repúdio dos alunos em relação às ciências humanas, onde:

[...] O estudo revelou que os jovens não percebem utilidade no conteúdo das aulas. As disciplinas de língua portuguesa e matemática são consideradas as mais úteis por, respectivamente, 78,8% e 77,6% dos alunos. Já geografia, história, biologia e física são consideradas descartáveis para 36% dos entrevistados. (Correio Braziliense, 2013).

Podemos perceber que dentre os questionamentos realizados, os professores relatam que devido à carga horária curta são impedidos de realizarem muitas atividades que gostariam. À exemplo, temos o caso de um professor lecionando em 14 turmas diferentes na mesma escola, não sobrando tempo e paciência para confeccionar planos de aula lúdicos para seus alunos, o que contribui com os dados expostos na citação acima.

Como proposta para o melhoramento do ensino-aprendizagem no contexto estudado exemplificamos o custeio de recursos como mapas, globos, materiais para confecção de jogos, aparelhos tecnológicos para apresentação de aulas mais lúdicas para os alunos, que são pouco encontrados nas unidades, quando estes estão presentes, são limitados e em estado, geralmente, precário; O laboratório de Geografia, ou pelo menos de Ciências Humanas, também é outra alternativa a ser explorada, uma vez que os alunos terão um espaço, mesmo que dentro da escola, lúdico para o desenvolver e o aprender dessa Ciência; O aumento do quantitativo de aula por turma semanalmente é necessário, pois de acordo com os levantamentos, 100% dos lecionadores afirmaram que é muito pequena, chegando a ser cerca de duas aulas por semana em cada turma e, por último, mas não menos importante, o custeio para aulas de campo para que os alunos possam compreender a relação Geografia-Cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da abordagem aqui analisada foi possível compreender como se dá a prática educativa no ensino básico fornecido pela Rede Pública Estadual nas cidades de Recife, Jaboatão dos Guararapes e Abreu e Lima – ambas pertencentes a Região Metropolitana do Recife – abordando suas principais deficiências. A entrevista semi-estruturada foi feita com dez professores (5 professores atuam em Recife, 2 em Abreu e Lima e 3 em Jaboatão dos Guararapes).

Ao recolhermos os resultados, constatou-se o seguinte: os educadores reclamam dos curtos momentos de aula por turma; da falta de recursos para equipamentos tecnológicos como datashow, mapas, globos e da falta de auxílio para elaborações de aulas de campo.

Uma vez reconhecida a complexidade e diversidade de práticas pedagógicas vista na Geografia, é preciso que o Governo de Estado de Pernambuco olhe com mais interesse para as metodologias de ensino pregadas nessa matéria e que os desdobramentos contidos no Parâmetro da Educação Básica para o ensino de Geografia nos níveis Fundamental e Médio do Estado sejam realmente realizados, uma vez que a prática, é muito diferente da teoria, pois a interdisciplinaridade e a importância da Geografia no cotidiano do aluno presente nesse documento não é cumprida, pois os recursos para que isso aconteça são limitados e mal fornecidos pelo Governo do Estado. Quando os professores conseguem realizar aulas mais dinâmicas, de acordo com os padrões constados no documento, esse tira dinheiro do seu salário para a compra dos materiais necessários.

Quando todo esse processo for entendido pela sociedade e pelas entidades governamentais que movem a educação pública estadual da Região Metropolitana do Recife, e esses tabus forem quebrados, o profissional da educação atuante da Geografia vai deixar de ser ferramenta regulamentada pelo Estado e moldar uma escolarização baseada em meios cotidianos, críticos e construtores de uma educação de qualidade, sem precisar tirar recursos próprios para isso.

A educação pública das escolas de ensino básico deve servir, assim como serve os grandes centros universitários e tecnológicos públicos, de referência para a sociedade, já que altos impostos são pagos diariamente e o Estado deve dar retorno desses gastos, por exemplo, na educação e cabe aos estudantes, através da criticidade ensinada pelo professor, cobrar das ordens públicas essa educação igualitária, “gratuita” e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, Ciência da Sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas. 1987.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino da Geografia**: caminhos e encantos. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

Estudo revela motivos para o desinteresse de estudantes pelo ensino médio. 2013.

Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_educacaobasica/2013/06/25/ensino_educacaobasica_interna,373237/estudo-revela-motivos-para-o-desinteresse-de-estudantes-pelo-ensino-medio.shtml . Acesso em: 04/08/2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6a Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docente**. Curitiba: Ibepex, 2011.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. Disponível em: <https://www.docdroid.net/MrZCc0F/maria-das-gracas-nicoletti-mizukami-ensino-as-abordagens-do-processo.pdf#page=2>. São Paulo: EPU, 1986.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Geografia e pesquisa Qualitativa**: um olhar sobre o processo investigativo. GEO UERJ – Ano 14. nº 23. V. 1. 1º semestre de 2012. P. 4-18 – ISSN: 1415-7543 E-ISSN: 1981-9021. Site: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>